

O Livro de Daniel - Número Cento e Dezoito

A advertência profética a Jerusalém: uma representação simbólica dos eventos do fim dos tempos

Jeff Pippenger

2024-03-05

Os sete anos de advertência, de 63 até o ano 70, que foram proclamados pelo homem que ia “subindo e descendo pelas ruas de Jerusalém, declarando os ais que haviam de sobrevir à cidade”, tinham sido prefigurados pela advertência dada a Jerusalém por três anos e meio, primeiro no ministério de Cristo e, depois, por mais três anos e meio, no ministério dos discípulos. Artigos anteriores já identificaram que a destruição de Jerusalém poderia ter ocorrido na cruz ou, mais tarde, no apedrejamento de Estêvão, mas a longanimidade de Deus adiou Seu juízo sobre a cidade e o povo.

“E sobre ‘quem quer que ela caia, reduzi-lo-á a pó.’ O povo que rejeitou a Cristo logo veria sua cidade e sua nação destruídas. Sua glória seria quebrantada e dispersa como o pó diante do vento. E o que foi que destruiu os judeus? Foi a rocha que, se houvessem edificado sobre ela, teria sido a sua segurança. Foi a bondade de Deus desprezada, a justiça repelida, a misericórdia menosprezada. Os homens puseram-se em oposição a Deus, e tudo quanto teria sido a sua salvação se converteu em sua destruição. Tudo quanto Deus ordenou para a vida, eles acharam ser para morte. Na crucifixão de Cristo pelos judeus estava envolvida a destruição de Jerusalém. O sangue derramado no Calvário foi o peso que os fez afundar na ruína para este mundo e para o mundo vindouro. Assim será no grande dia final, quando o juízo cair sobre os que rejeitam a graça de Deus. Cristo, sua rocha de tropeço, então lhes aparecerá como um monte vingador. A glória de Seu semblante, que para os justos é vida, será para os ímpios um fogo consumidor. Por causa do amor rejeitado, da graça desprezada, o pecador será destruído.”

Por meio de muitas ilustrações e advertências repetidas, Jesus mostrou qual seria a consequência para os judeus de rejeitar o Filho de Deus. Com estas palavras Ele se dirigia a todos, em todas as épocas, que se recusam a recebê-Lo como seu Redentor. Cada advertência é para eles. O templo profanado, o filho desobediente, os lavradores falsos, os edificadores desdenhosos, têm seu correspondente na experiência de todo pecador. A menos que se arrependa, o destino que eles prefiguravam será seu. O Desejo dos Séculos, 600.

O período de sete anos em que o homem deu testemunho a Jerusalém foi dividido, no primeiro cerco, em dois períodos iguais de mil duzentos e sessenta dias. Aqueles sete anos representaram a destruição de Jerusalém, e os sete anos dos ministérios de Cristo e dos discípulos representaram o início da destruição de Jerusalém, e Jesus sempre ilustra o fim pelo princípio. Aqueles sete anos também foram tipificados pelos "sete tempos" contra o reino do Norte, que foi dividido em dois períodos iguais de mil duzentos e sessenta anos.

Quando a Roma Moderna repetir a história da Roma pagã e papal, pisando a Jerusalém literal e espiritual, e quando a Roma Moderna repetir as duas histórias dos dois períodos de advertência

dados pelo homem, do ano 63 até o ano 70, e quando a Roma Moderna repetir a história representada pelos dois períodos em que Cristo e os discípulos entravam e saíam de Jerusalém por três anos e meio, dois períodos distintos se manifestarão, embora, nos últimos dias, “já não há tempo”.

O último desses dois períodos são os simbólicos quarenta e dois meses em que a Roma moderna realiza sua perseguição final aos fiéis, uma vez que sua ferida mortal é curada por ocasião da iminente lei dominical. Esses simbólicos quarenta e dois meses são o segundo dos dois períodos e constituem o período do juízo executivo da Roma moderna. Esse período é precedido pelo juízo investigativo dos vivos no adventismo laodiceano.

O homem que apresentou o aviso à Jerusalém literal morreu no cerco de Tito. Ele não morreu na destruição, mas durante o cerco que precedeu a destruição, pois nenhum cristão morreu na destruição de Jerusalém.

Por sete anos, um homem continuou a percorrer as ruas de Jerusalém, subindo e descendo, proclamando os ais que haviam de sobrevir à cidade. De dia e de noite, ele entoava o selvagem canto fúnebre: 'Uma voz do oriente! uma voz do ocidente! uma voz dos quatro ventos! uma voz contra Jerusalém e contra o templo! uma voz contra os noivos e as noivas! uma voz contra todo o povo!' -Ibid. Esse estranho ser foi aprisionado e açoitado, mas nenhuma queixa lhe escapou dos lábios. Aos insultos e aos maus-tratos respondia apenas: 'Ai, ai de Jerusalém!' 'ai, ai dos seus habitantes!' Seu clamor de advertência não cessou até ser morto no cerco que havia predito. O Grande Conflito, 29, 30.

O homem morreu no cerco, mas não na destruição final, e a destruição final representa o fechamento da porta da graça e as sete últimas pragas. Portanto, o homem é um símbolo da mensagem para deixar Jerusalém no primeiro cerco. Os cristãos então fugiram e, nos primeiros três anos e meio, o homem foi um símbolo de um grupo que não morre em Jerusalém, e, nos segundos três anos e meio, ele é um símbolo dos últimos cristãos a morrer antes do fechamento da porta da graça. No primeiro período, ele identifica os cento e quarenta e quatro mil e, no segundo período de três anos e meio, representa a grande multidão que morre durante o segundo período.

A mensagem do homem foi registrada pelo historiador e foi representada por seis vozes. Quando ele foi finalmente preso, sua sétima e última mensagem foi "ai, ai" de Jerusalém e de seus habitantes. A primeira "voz" registrada foi uma "voz do oriente", e sua última mensagem foi "ai". O primeiro elemento de sua mensagem e o último elemento de sua mensagem eram o símbolo bíblico que representa o Islã, pois, na Bíblia, o Islã corresponde aos "filhos do oriente", e estes são representados pelo "vento oriental". A duplicação da palavra "ai" em sua mensagem final reflete o fim da Babilônia Moderna, quando os reis da terra clamam três vezes "Ai, ai daquela grande cidade". A palavra grega traduzida como "ai" nos três versículos de Apocalipse capítulo dezoito é traduzida como "ai" no capítulo oito, versículo treze.

E olhei, e ouvi um anjo voando pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! ai! ai dos que habitam sobre a terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda hão de tocar! Apocalipse 8:13.

A proclamação do homem de "ai, ai" representa a aplicação tripla dos três ais, pois os elementos do primeiro Ai, combinados com os elementos do segundo Ai, "linha sobre linha", identificam os elementos do terceiro Ai, assim como as três expressões de "ai, ai" dos reis da terra no capítulo dezoito representam o terceiro Ai, conforme estabelecido pelo primeiro e pelo segundo Ai. O início e o fim da mensagem do homem são tipificados pela mensagem do Islã do terceiro Ai.

A primeira expressão da mensagem dele foi uma voz do "leste", e "leste" é um símbolo do Islã, mas também é uma identificação do anjo selador que surge no leste.

E depois destas coisas vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, segurando os quatro ventos da terra, para que o vento não soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. E vi outro anjo que subia do oriente, tendo o selo do Deus vivo; e clamou em alta voz aos quatro anjos, aos quais fora dado causar dano à terra e ao mar, dizendo: Não causeis dano à terra, nem ao mar, nem às árvores, até selarmos nas suas testas os servos do nosso Deus. E ouvi o número dos que foram selados: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel. Apocalipse 7:1-4.

Na história de Elias no Monte Carmelo, quando olhou para o mar e viu uma nuvem, estava olhando para o oeste, pois o Monte Carmelo fica perto do Mar Mediterrâneo.

E aconteceu que, à sétima vez, ele disse: Eis que sobe do mar uma pequena nuvem, como a mão de um homem. E disse: Sobe, dize a Acabe: Prepara o teu carro e desce, para que a chuva não te detenha. 1 Reis 18:44.

Elias estaria voltado para o oeste, na direção do Mar Mediterrâneo. No capítulo doze de Lucas, Cristo fala que Sua mensagem é uma mensagem de divisão.

Julgais vós que vim trazer paz à terra? Digo-vos: Não; antes, divisão. Pois, de agora em diante, estarão cinco numa casa divididos, três contra dois, e dois contra três. O pai estará dividido contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora, e a nora contra a sogra. E disse também ao povo: Quando vedes uma nuvem levantar-se do ocidente, logo dizeis: Vem uma chuva; e assim é. E quando vedes soprar o vento do sul, dizeis: Haverá calor; e assim acontece. Hipócritas! Sabeis discernir o aspecto do céu e da terra; como, pois, não discernis este tempo? Lucas 12:51-56.

A mensagem do mensageiro a Jerusalém traz a assinatura de Alfa e Ômega, pois o princípio e o fim identificam o Islã do terceiro Ai e, com a voz do "oriente", identifica simultaneamente a mensagem do Islã como a mensagem seladora. A "segunda voz" vinda do "ocidente" identifica a chuva serôdia, que é a última chuva, e todos os profetas tratam dos últimos dias. A mensagem do "ocidente" é um símbolo da mensagem da chuva serôdia, que produz duas classes de adoradores. Uma dessas classes não consegue reconhecer a mensagem da chuva serôdia, pois eles "não discernem este tempo".

O próximo elemento da mensagem do mensageiro é a voz dos "quatro ventos", que é tanto a mensagem do selamento quanto a mensagem do cavalo irado do Islã, conforme representado pelo terceiro Ai. O próximo elemento é contra Jerusalém e o templo, identificando assim a mensagem

de todos os profetas, que identifica uma classe de pessoas que estão sendo deixadas de lado, pois basearam sua pretensão à salvação, não em Cristo, mas no templo e em sua herança como povo escolhido de Deus. São aqueles que, ao longo da história sagrada, são representados como proclamando: “o templo do Senhor, o templo do Senhor somos nós.” A mensagem contra Jerusalém e o templo é a mensagem laodiceana.

Não é de admirar que a igreja não seja vivificada pelo poder do Espírito Santo. Homens e mulheres estão deixando de lado a instrução que Cristo deu. A ira e a cobiça estão obtendo a vitória. O templo da alma está cheio de maldade. Não há lugar para Cristo. Os homens seguem seus próprios caminhos perversos. Eles não dão ouvidos às palavras do Salvador. Tomam as coisas em suas próprias mãos, rejeitando repreensões e advertências, até que o castiçal seja removido do seu lugar, e o discernimento espiritual seja confundido por ideias humanas. Embora sejam deficientes no serviço, justificam-se, dizendo: 'O templo do Senhor, o templo do Senhor somos nós.' Eles põem de lado a lei de Deus para seguir a luz de sua própria imaginação. Review and Herald, 8 de abril de 1902.

O mensageiro então elevou a voz de sua mensagem de advertência contra os noivos e as noivas, como símbolo da metodologia de "linha sobre linha", pois a linha profética dos últimos dias será exatamente como foi a linha profética nos dias de Noé, quando se casavam e davam-se em casamento justamente no momento em que o dilúvio de destruição estava prestes a inundar suas ambições e planos mundanos.

A Bíblia declara que, nos últimos dias, os homens estarão absorvidos em ocupações mundanas, no prazer e na busca por dinheiro. Estarão cegos às realidades eternas. Cristo diz: "Como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Pois, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não perceberam até que veio o dilúvio e os levou a todos; assim será também a vinda do Filho do homem." Mateus 24:37-39.

Assim é hoje. Os homens se precipitam na busca de lucro e de satisfação egoísta, como se não houvesse Deus, nem céu, nem vida futura. Nos dias de Noé, o aviso do dilúvio foi enviado para despertar os homens em sua maldade e chamá-los ao arrependimento. Assim, a mensagem da iminente vinda de Cristo destina-se a despertar os homens de sua absorção nas coisas mundanas. Pretende despertá-los para a consciência das realidades eternas, para que deem atenção ao convite para a mesa do Senhor.

O convite do evangelho deve ser dado a todo o mundo - "a toda nação, tribo, língua e povo." Apocalipse 14:6. A última mensagem de advertência e misericórdia deve iluminar toda a terra com sua glória. Deve alcançar todas as classes de homens, ricos e pobres, grandes e pequenos. "Saí pelos caminhos e atalhos", diz Cristo, "e constrangi-os a entrar, para que a Minha casa se encha." Parábolas de Jesus, 228.

O último elemento da advertência é enfatizado na passagem anterior. A mensagem, representada como a voz contra “todo o povo”, é o evangelho eterno, que identifica a necessidade de cumprir os requisitos do evangelho para ser salvo. O primeiro requisito do evangelho eterno é temer a Deus, e esse temor se baseia na realidade de que foram os nossos pecados que colocaram Cristo, o Filho do

Deus vivo, na cruz.

Cada elemento do mensageiro para Jerusalém durante seus sete anos de ministério representava o evangelho eterno, que era o mesmo evangelho que foi apresentado nos sete anos em que Cristo confirmou a aliança com muitos, do ano 27 ao ano 34. É também o evangelho eterno que é proclamado nos dois períodos finais dos últimos dias, e é específico da mensagem da chuva serôdia, sendo a mensagem do Islã do terceiro Ai. Identifica o selamento dos cento e quarenta e quatro mil, a separação do trigo e do joio, a condição laodiceana do joio e a aplicação tríplice da profecia como um símbolo da metodologia da chuva serôdia, que é "linha sobre linha".

A mensagem de sete anos naquela história está profeticamente situada dentro dos "dias de vingança" que fizeram parte da primeira menção da mensagem e da obra de Cristo, e Sua mensagem e Sua obra devem ser repetidas nos últimos dias pelos cento e quarenta e quatro mil. Então eles identificarão sua mensagem no cenário profético dos "dias da vingança de Deus". Há dois tipos bíblicos de "vingança" de Deus representados em Sua Palavra: Sua vingança sobre Seu povo e também Sua vingança sobre Seus inimigos.

Os "sete tempos" de Levítico vinte e seis ilustram a vingança de Deus sobre Seu povo rebelde, e essa vingança inclui o pisoteamento literal e espiritual do santuário e da hoste. No simbolismo do pisoteamento do santuário e da hoste, também se representa a vingança de Deus sobre Seus inimigos. Nos últimos dias, a vingança de Deus contra Seu povo é representada como o vomitar do Adventismo Laodiceano, por ocasião da iminente lei dominical. Nesse marco, Sua vingança contra a Babilônia Moderna também começa.

O juízo investigativo dos vivos sobre o Adventismo Laodiceano, o qual é seguido pelo juízo executivo sobre a prostituta de Tiro e sobre a besta que ela cavalga e sobre a qual reina, é a história profética dos últimos dias, quando se cumpre o efeito de toda visão. Toda visão deve ser aplicada a esses dois períodos proféticos, pois a metodologia da chuva serôdia é a aplicação de linha profética sobre linha profética. No início dessas duas histórias, Jesus identificou um "sinal" que prova que os que vivem naquele momento estão na última geração da história da Terra.

O primeiro período começou quando teve início o selamento dos cento e quarenta e quatro mil, em 11 de setembro de 2001. Foi nesse marco que o 'sinal' que Cristo identificou em Lucas vinte e um foi colocado.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Agora, irmãos, Deus quer que tomemos nossa posição com o homem que carrega a lanterna; queremos tomar nossa posição onde a luz está e onde Deus deu à trombeta um som certo. Queremos dar à trombeta um som certo. Temos estado perplexos e temos estado em dúvida, e as igrejas estão prestes a morrer. Mas agora aqui lemos: 'E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, tendo grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou poderosamente com voz forte, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou habitação de demônios, e reduto de todo espírito imundo, e uma gaiola de toda ave imunda e abominável' [Apocalipse 18:1, 2].

Pois bem, como vamos saber qualquer coisa sobre essa mensagem se não estamos em condição de reconhecer qualquer vislumbre da luz do céu quando ela chega até nós? E aceitaremos com a mesma prontidão o engano mais tenebroso quando ele nos vier de alguém que concorda conosco, quando não temos uma partícula de evidência de que o Espírito de Deus o tenha enviado. Cristo disse: “Eu vim em nome de meu Pai, mas vós não me recebeis” [ver João 5:43]. Ora, essa é justamente a obra que vem ocorrendo aqui desde a reunião em Minneapolis. Porque Deus envia uma mensagem em seu nome que não concorda com as suas ideias, portanto [você concluem] que não pode ser uma mensagem de Deus. Sermões e Palestras, volume 1, 142.